

# enfoques



Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia  
Revista Enfoques, volume 9, número 1, agosto 2010  
Rio de Janeiro, Brasil

# enfoques



## **Republicação: Tem Pente Aí? Reflexões sobre a Identidade Masculina**

[Publicado no livro SER HOMEM, organizado por Dario Caldas]

Roberto DaMatta<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Professor Titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor Emérito da Universidade de Notre Dame, autor de vários livros, entre os quais se destacam: *Carnavais, Malandros e Heróis*, *A Casa & a Rua*, *O que faz o Brasil, Brasil?*, *Universo do Carnaval* e *Conta de Mentiroso: Sete Ensaios de Antropologia Brasileira*. Seu último livro reúne crônicas publicadas na sua coluna nos jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo* e tem o título de *Crônicas da Vida e da Morte*. Esta versão foi modificada e algumas pequenas observações foram acrescentadas ao texto original, que permanece o mesmo.

Quando eu era um rapazinho e abria os olhos para o mundo na pequena cidade mineira de São João Nepomuceno, em plena década de 1950, havia uma brincadeira que nos perturbava, mas que era típica dos encontros de rua em frente da sinuca do Cida, a melhor e o ponto de referência dos rapazes de toda a cidade.

A brincadeira consistia em desabusada e grosseiramente apalpar o traseiro do amigo, questionando em tom jocoso: "Tem pente aí?!", o que normalmente fazia com que a vítima desse um pulo para frente, protegesse as nádegas com as mãos e reagisse violentamente ao brinquedo, o que — e este era um dos objetivos da apalpadela — deleitava o grupo que atentamente observa sua reação. Permanecer incólume, indiferente (ou fingidamente indiferente) ao gesto também acontecia, mas era muito raro e decepcionante. O que os expectadores gostavam de ver e de jocosamente comentar era a reação da vítima, tentando atabalhoada e rapidamente proteger o traseiro invadido por dedos alheios, num ato semiautomático ou inconsciente.

A ideia que justificava a brincadeira era, naquele contexto cultural, plausível. A pessoa que passava a mão na nádega do amigo estava em busca de um pente, um instrumento usado por todos nós naquela fase da vida na qual a aparência física (o rosto, a barba por nascer, o bigodinho e, sobretudo, os cabelos com sua brilhantina e o seu famoso topete) era um alvo de constante preocupação.<sup>4</sup> Como o pente era usado ao lado do lenço e da "carteira-de-dinheiro" e de "documentos", no "bolso-de-

---

<sup>4</sup>É curioso e significativo que o gesto esteja relacionado ao pente, ao penteado e ao cabelo, um elemento humano com nítidas conotações sexuais, associado que está ao luto, à disciplina, à castidade e à agressão libidinal. Precisaria lembrar o caso bíblico de Sansão? Cabelos cortados remetem à castração e a disciplina, ao controle da sexualidade; cabelos raspados são um indicativo de luto; e cabelos soltos, despenteados e grandes indicam descaso pelas normas sociais, sendo a marca registrada dos rebeldes ou dos que se situam marginal e criticamente em relação ao sistema, como é o caso dos renunciantes indianos, dos líderes messiânicos, e foi o caso dos revolucionários europeus no sec. XIX e dos *hippies* nos Estados Unidos de antigamente. Para um ensaio inspirador, leia-se Edmund Leach, "Cabelo Mágico", em *Edmund Leach*, Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática.

trás" da calça, nada mais legítimo e mais "natural" do que passar a mão na bunda do companheiro com a desculpa de solicitar um pente!

A ambiguidade da ação residia num trocadilho ritual que provocava riso e nervosismo porque o gesto licenciava simultaneamente tanto a busca de um pente, quanto a invasão de um lugar proibido do corpo masculino. Pedir um pente era uma demanda normal, mas procurá-lo sem pedir no "bolso de trás" da calça do companheiro equivalia a um ataque inesperado ao traseiro, uma zona sagrada do corpo masculino, corpo que, naquela etapa da vida, todos estavam construindo com cuidado e grave sensibilidade.

Se a vítima reagia violentamente, ela era imediatamente acusada de possuir uma sobressensibilidade na bunda: sinal de que havia sido "mordida de cobra". Ou, pior ainda, que tinha "tesão no rabo", sintoma de tendência ao homossexualismo passivo que se constituía em dos dois maiores inimigos do modelo de masculinidade adotado — o outro seria a impotência. Nada pior, portanto, do que receber o passe e xingar, gritar e, acima de tudo, reagir fisicamente ao atacante que, para complicar ainda mais as coisas, poderia ser o nosso melhor amigo.

Assim sendo, a atitude mais adequada era a de controlar-se, exprimindo uma olímpica ou estudada e serena indiferença ao incômodo gesto, indiferença que às vezes fazia com que a vítima invertesse os papéis e pedisse jocosamente ao atacante que continuasse a passar a mão na sua nádega. Nesta linha, houve até um episódio memorável e evidentemente raro, quando uma das vítimas do "Tem pente aí" não se assustou e chegou seu traseiro mais perto da mão do agressor nela soltando um sonoro peido, numa inversão de papéis que surpreendeu o grupo, ridicularizando e desmoralizando o atacante.

Mas esse foi um caso extremo. Na realidade, o comum era sair do golpe dando um pulo pra frente, tentando assimilar a surpresa com um meio-sorriso, numa

atitude de fingida indiferença, assumindo com elegância a ambiguidade e o mau gosto do gesto.

— II —

Hoje, com a distância do tempo e com a ajuda da prática antropológica, vejo que a brincadeira do "Tem pente aí?" era mais do que um modo histriônico e um tanto grosseiro de tratar os outros, pois se constituía num gesto ritual, destinado a moldar ou a socializar, para ser mais preciso, a nossa masculinidade. Ou seja, a brincadeira era um modo ritualizado, posto que ambíguo, arbitrário, repetitivo e socialmente aprovado, de chamar a atenção para uma parte sagrada do corpo masculino: o traseiro. Um pedaço do corpo que, naquela cultura (e no Brasil em geral) era tido como especial, tinha que ser colocado à parte e, sendo tabu, só poderia ser tocado em circunstâncias especiais, por pessoas especiais. Ademais, se a pessoa era verdadeiramente "Homem" (com "H" maiúsculo, como se dizia), ela deveria ser uma área do corpo absolutamente insensível a qualquer toque ou passe.

Num plano superficial, o "Tem Pente Aí?" era uma brincadeira de mau gosto e um teste de masculinidade. Uma espécie de prova que ajudava a separar os "normais" dos "fronteiriços". Quem fugia, temia e reagia com exagero mostrava ter sido "mordido de cobra". Quem reagia moderadamente, enfrentando seus impulsos mais recônditos, era "homem". Mas o problema não terminava nessa trivial constatação binária, porque havia graus de reação e variação nos resultados. Por exemplo: se a vítima demorasse a reagir, a espera poderia ser tomada como um sinal de que ela havia sido "mordida de cobra". Ademais, uma mesma pessoa poderia reagir de acordo com a norma da indiferença num dia e, no outro, assustar-se e fazer uma reclamação irritada.

No fundo, a brincadeira atualizava o princípio do "se ficar o bicho pega, se correr o bicho come", o que não deixava de ser revelador pois o resultado final indicava que todos eram muito machos para resistir às apalpadelas no rabo e, simultânea e perturbadoramente, todos eram veadinhos em potencial. Pois quem é que não se sentia incomodado em ter o seu nobre e sagrado traseiro invadido?

— III —

Num plano profundo, o gesto perturbava ainda mais porque era uma genuína autocrítica social, pondo a nu um lado problemático e jamais discutido da nossa masculinidade. Muito mais do que um ritual destinado a nos fortalecer como homens, dentro da ideia de que os homens verdadeiramente machos não devem ter nenhuma sensibilidade no rabo, ele era também um comentário sobre um estilo ou modalidade — aquilo que nós, antropólogos sociais, chamamos de "cultura" ou de "ideologia" — de conceber e construir o masculino.<sup>5</sup> Comentário que obviamente revelava o seu lado frágil, indicando as sutilezas e os problemas de ser homem no Brasil.

Para nós, "ser homem" não era apenas ter um corpo de homem, mas mostrar-se como "masculino" e "macho" em todos os momentos. Como a brincadeira do "Tem Pente Aí?" dramatizava, ninguém devia (ou podia) esquecer esta condição, nem mesmo quando conversava despreocupadamente com os amigos numa área pública da cidade. Um dos preços da masculinidade, portanto, era uma eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo.

---

<sup>5</sup> Os verdadeiros machos não devem ter sensibilidade nas partes "erradas" do corpo que assim podem ser tocadas em público sem provocar constrangimento. O futebol americano faz boa prova deste princípio quando mostra homens recebendo a bola (que neste esporte é um ovo) por detrás do traseiro de outros homens que são, assim, sistematicamente tocados na bunda sem que isto se constitua num exemplo explícito de homossexualidade. Neste sentido, esta modalidade de futebol acentua que o verdadeiro homem transcende as zonas potencialmente perigosas do seu corpo, sendo insensível a elas. E, de fato, o futebol é o mais masculino, o mais apreciado e o mais prestigiado esporte da sociedade americana.

De fato, naquela comunidade, falava-se explicitamente da cara, do cabelo (que deveria ser usado curto e bem penteado, denotando disciplina e controle) e, mais disfarçadamente, comentava-se sobre o tamanho do pênis. O traseiro, entretanto, que jamais era discutido abertamente, pois falar dele seria uma prova de feminilidade, só poderia ser trazido à tona nas inúmeras anedotas cuja temática era o homossexualismo e numa brincadeira "inocente" que, por isso mesmo, revelava sua enorme importância na constelação de elementos que constituía a ideologia da masculinidade naquela época e lugar. Uma brincadeira que, focalizando o traseiro, chamava a atenção para um orifício e para o lado de trás — para uma dimensão interior e considerada frágil do corpo, obrigando a entrar em contato direto com o que era — eis o paradoxo — inequivocamente considerado como a parte mais feminina do corpo masculino. Era como se a brincadeira destacasse como incomôdo ou inapropriado o fato de os homens terem que ter também um traseiro — que coisa mais chata! — tal como as mulheres e, é claro, com os homossexuais.

Realmente, no vocabulário naquela cultura, as mulheres tinham "face", "seios", "rosto"; os homens, "peito" e "cara". Na cara — que era uma região constituída de cabelo, barba e bigode<sup>6</sup> — estava a máscara da firmeza e da vergonha, que anunciava o "homem" dentro de cada um de nós. Por isso, é claro, um homem poderia ter a sua cara "quebrada" por outro numa desavença, pois a cara — como o vidro ou o cristal — denotava uma zona de fronteira, além de homogeneidade e dureza mas, em compensação, possuía uma alta sensibilidade à afronta, à agressão e ao conflito.

Havia pessoas que tinham "cara de homem". Nelas, era visível uma postulada "essência masculina" que separava os duros dos fracos, os bravos dos covardes, os

---

<sup>6</sup> No quadro das vulgaridades brasileiras, fala-se em "cabelo, barba e bigode", referindo-se a um encontro sexual no qual se teve intercurso anal, vaginal e oral com uma mulher. Era comum o oferecimento de um "serviço completo", constituído de cabelo, barba e bigode, nos prostíbulo. Novamente vale notar a associação entre cabelo e atividade sexual.

meros homens dos "machos". Nelas, a barba e, sobretudo, o bigode falavam muito alto, pois se as mulheres tinham rostos macios, rosados e lisos ("lisos como bunda de santo", dizia-se à boca miúda entre sorrisos), os homens deveriam tê-los ásperos e cinzentos. Pela mesma lógica, se os lábios e as orelhas femininos eram emoldurados pelo batom e pelos brincos, os dos homens eram vestidos por bigodes e cabelo, o que fazia com que todos nós cultivássemos os ralos pelos que nasciam nas nossas caras e corpos (sobretudo nas pernas e peito) com imenso cuidado e enorme orgulho. À propósito: ter pelo na orelha era sinal de masculinidade e de malvadeza.

Depois da cara vinha certamente o pênis, cujo tamanho (e funcionamento adequado) era uma fonte permanente de preocupação. Como algo visível e obviamente comparável, ele era o foco implícito do corpo nos vestiários e um ator importante nas anedotas e nas histórias que constituíam os recursos básicos de nossa pedagogia sexual. Não era estranho ouvir relatos de concursos nos quais a rapaziada media seus pênis, estabelecendo uma hierarquia entre seus donos. Também não era incomum ouvir narrativas nas quais o falo do herói "levantava" rapidamente e tornava-se um instrumento poderoso, incontrolável. Assim, o falo era idealizado e lido como o pau, a pica, a espada, o mastro, a marreta, o canhão, o porrete, a pistola etc. Todo e qualquer objeto de agressão poderia ser usado como metáfora para o órgão masculino.<sup>7</sup>

O pênis era um ator social a ser permanentemente testado, experimentado e consumido. Como órgão central e explícito da masculinidade, como traço distintivo da condição de "homem", o falo (muito mais do que o escroto) era um elemento

---

<sup>7</sup> Diz-se no Brasil que, numa situação de confronto, um homem vai decidir tudo "mostrando o pau", isto é, apresentando o seu falo para os outros homens implicados no conflito. Do mesmo modo, fala-se em "dar (ou levar) uma porrada", e em "dar (ou levar) um esporro", e em "meter o pau" em alguém como atos que denotam agressão ou depreciação de uma outra pessoa.

permanente da consciência.<sup>8</sup> De tal modo que não seria exagero afirmar que, naquela cultura, a masculinidade era representada e igualmente englobada pelo pênis que, por sua vez, definia e representava as pessoas numa definição social inapelável. Ou seja: quem havia nascido homem tinha que se comportar como tal — com hombridade, com consistência, firmeza e com certa dureza — realizando sistematicamente certos gestos e mostrando aos outros certos hábitos, gostos e atitudes. Até a roupa, a comida, a bebida, os sapatos e as meias podiam ser tomadas como ausência (ou deficiência) de masculinidade. Qualquer fuga do padrão local era considerada um desvio daquilo que deveria ser camisa, calça, meia, gravata, relógio ou sapato de homem. Uma maneira trivial de reforçar essa padronização consistia em perguntar para a pessoa que usava uma peça de vestiário de modelo diferente ou ambíguo se na loja onde ele havia comprado aquele objeto "vendia-se roupa (ou qualquer outro objeto) pra homem".

— IV —

Diante de todos esses valores e práticas que acentuavam explicitamente o lado positivo e superior da masculinidade, não causa estranheza que uma das maiores contradições naquela sociedade era o homem que resolvia abandonar o seu "aparato masculino" tornando-se assexuado ou, pior que isso, "virando veado". Pois se os homens eram intrínseca e naturalmente superiores, o homossexualismo (que, para nós, só existia entre os homens, sendo verdadeiramente impensável entre as mulheres), ou o celibato eram vistos como uma traição ao gênero. Deste modo, descobrir que um homem podia "virar mulher" era uma desobediência a um rígido

---

<sup>8</sup> Em outras culturas o escroto é mais importante ou mais usado como metáfora. Nos Estados Unidos, por exemplo, diz-se: "*X' has balls*", denotando que é uma pessoa com tutano, energia e capacidade para enfrentar o mundo e os outros. No mundo hispânico, é uma vergonha ser homem e não ter *cujones*; ou seja: possuir tutano e coragem.

sistema de classificação que tudo dividia em termos de masculino e feminino, e uma prova inequívoca de desprezo à solidariedade básica devida ao gênero masculino, uma dimensão fundamental da identidade como pessoa neste mundo que fora desenhado e destinado aos homens. Ademais, "virar mulher" era tornar-se um inferior e ficar satisfeito em ser uma reles imitação. Pois os veados eram seres intermediários e ambíguos. Não eram bem mulheres, embora procedessem social e sexualmente como tal. Daí, sem dúvida, o termo altamente pejorativo — "mulherzinha" — aplicado aos homossexuais passivos. Naquela comunidade, não havia nenhuma noção de um homossexualismo masculino, de caráter mais complexo e igualitário, pois o elo homoerótico era sempre convertido ou traduzido culturalmente numa relação hierárquica (como a dos gregos clássicos) entre um homem (o ativo e com mais experiência ou mais velhos) e uma "mulherzinha" — ou outro homem que fazia o papel de passivo, "dando a bunda" — o que de certo modo normalizava as coisas, restabelecendo o par paradigmático homem/mulher. Era certamente em virtude dessa complementaridade hierárquica que o homossexualismo feminino não era problematizado e ficava fora de consideração. Afinal, as mulheres não penetravam e, na nossa concepção, praticavam um ato sexual misterioso e, por isso, superexcitante.

Naquele lugar e naquele tempo, não era possível separar a prática sexual da definição total da identidade social. Assim, "ser veado" ou ser "mulherzinha" não dizia respeito apenas à atividade sexual, como quer a ideologia moderna e o individualismo, mas falava de todo o ser que se manifestava principalmente pelo fato de ser fisicamente constituído como homem ou mulher. E, talvez muito mais que isso, de ser tentado a "virar uma mulher", tendo um aparato físico masculino.

Nos vestiários, na piscina, nas rodas de bar ou nos banhos de ribeirão, falava-se ou aludia-se ao tamanho do pênis com muita frequência. Ter o pênis grande era

sinal de orgulho e marca de masculinidade, embora todos conhecessem o ditado (que soava como um embuste) segundo o qual "tamanho não é documento" — entendido por todos como uma espécie de prêmio de consolação e como a expressão do bom-senso que tudo equilibrava.

Mas se o falo era o símbolo oficial, a marca registrada e o sinal exterior do masculino, a nádega, o rabo, o traseiro, o lôlô, o cu, o lorto, a mala, o fiofó, o furingo, o rabo, a bunda representava o outro lado (inesperado e incerto) da medalha. Pois era nesta zona que repousava, como nossa brincadeira fazia prova, o inverso da masculinidade. O seu lado obscuro, interior e oculto. A dimensão reveladora de tendências insuspeitadas como a feminilidade, a impotência e a covardia: quem é que queria ser um "bundão", ou um "brocha"? O seu plano frágil, dependente e marginal: quem é que queria ser um "bunda-suja"? O ângulo que de certo modo dotava o corpo do homem de um pedaço antimasculino — uma parte macia e semiaberta, que o inferiorizava e o igualava às mulheres. E para complicar ainda mais as coisas, dizia-se que bunda não tinha sexo, o que acentuava a homossexualidade passiva como a única forma estigmatizada de viadagem e situava o encontro homossexual ativo como socialmente aprovado. Assim, o problema não residia em relacionar-se sexualmente com homens, mas em "dar a bunda" o que, num nível profundo, significava ser englobado pelo comedor — as metáforas sexuais reproduzindo as normas hierárquicas da organização social, nas quais o inferior era englobado e se dissolvia socialmente no superior. Um coronel "contém" um major e, este, um capitão que, por sua vez, foi um tenente e assim sucessivamente.

Realmente, no plano social, a sociedade ordenava as pessoas em termos de relações hierárquicas, complementares e interdependentes: homem/mulher; rico/pobre, santo/pecador; superior/inferior; mais-velho/mais novo; em casa/na rua etc., num conjunto em que a categoria superior englobava todas as outras posições

no seu âmbito ou espaço. Neste sentido, o pai não era apenas um "representante" de sua família, como quer a ideologia moderna, mas no contexto legal e público, ele é toda a sua família. No plano sexual, reproduzia-se o mesmo modelo. De tal modo que os encontros eróticos eram vistos como situações nas quais uma pessoa (o comedor ou o "ativo") englobava a outra (o que "dava" e era "comido" ou virava "comida" — o "passivo"). As relações entre "masculino" e "feminino", entre "homem" e "mulher", portanto, não indicavam uma ideia de igualdade entre os sexos, mas denunciavam uma hierarquia. As mulheres (e os "veados") existiam para serem "comidas" (ou englobadas) pelos homens. Eram a sua "comida" natural, o seu alimento, para ficarmos no plano relevante da metáfora. No plano social e jurídico isso se realizava pela adoção do nome do marido e por sua obediência a ele. No plano erótico, isso surgia como um modo de ser canibalizado ou envolvido pelo homem que, como Adão, reintegrava pelo sexo a sua costela no seu próprio corpo, comendo-a devidamente. Por tudo isso, o mundo poderia ser lido como constituído de uma oposição irreduzível: masculino/feminino. Mas poderia também ser lido como feito de uma gradação que ia do mais extremado nível de masculinidade — digamos, do "machão" — passando pelos "homens comuns", transbordando numa fronteira habitada pelos "mordidos de cobra" ou "inrustidos", atingindo a zona dos homossexuais ativos, passando para os passivos, chegando aos "mulherzinhas" e aos "efeminados" e terminando nas mulheres ou no território do feminino propriamente dito que, para nós, era algo imanente e não precisava de testes, provas ou demonstrações, pois o feminino era como uma morada: estava sempre lá para nos receber.

Neste contexto cultural, a brincadeira do "Tem Pente Aí?" fazia, creio, muita coisa. Em primeiro lugar, chamava a atenção para aspectos ideais e valorizados da masculinidade; depois, falava de como o masculino era construído; em seguida, punha em prova e risco essa macheza; e, finalmente, denunciava um lado obscuro e frágil — mas importantíssimo — da masculinidade, colocando-a em dúvida e em crise, pois indicava graficamente os seus aspectos ocultos — seus segredos, suas dúvidas, dívidas e suas dificuldades.

Pois ao lado do "Tem Pente Aí?" (que fazia com que todos duvidassem de sua masculinidade), vinham as narrativas das brochadas, revelando que o falo também tinha seu lado fraco: sua dimensão de "covardia", de dúvida e de não-funcionamento.

Tudo se passava como se tanto a brincadeira do "Tem Pente Aí?" quanto essas aterrorizantes fantasias de inibições sexuais falassem dos caminhos pelos quais o masculino poderia falhar ou ser desconstruído. De um lado, a brincadeira que indicava a "tendência" homossexual, que levava um homem a trair o seu sexo; de outro, as narrativas de inibição sexual que revelavam um outro caminho não menos terrível, pois diziam que, mesmo sem aviadar-se, os homens corriam o risco da falha ou da impotência sexual. Impotência que raramente se manifestava por meio de deficiências físicas, mas que frequentemente se fazia presente por intermédio de desarranjos mentais ou psíquicos de fundo desconhecido.

Tudo isso nos dava uma medida da dureza que era ser homem. Primeiramente, havia o risco do homossexualismo; depois, conforme começávamos a descobrir na medida em que saíamos de casa (e da casa), havia o problema de "virar um brocha" ou de "brochar" — pois quem é que, nesse mundo de Deus, sabia

ao certo o que comandava o falo? Ou melhor, quem é que sabia a fórmula certa para fazer com que o falo jamais falhasse?<sup>9</sup>

Tais experiências, frequentemente contadas com grande seriedade, serviam para discutir um lado escondido ou envergonhado da masculinidade, trazendo à tona uma "problemática masculina" oculta ou tabu que seria correlata da constelação ideológica que obviamente cerca a construção do feminino em todas as sociedades. A novidade é que, no caso brasileiro, essa problemática exprimia as dificuldades, acentuando alguns dilemas e problemas de uma versão do que seria ser masculino num dado tempo e lugar. Por exemplo, as mulheres eram perseguidas por normas morais e convenções desde que nasciam. Os homens eram deixados livres mas, da adolescência em diante, havia uma pressão enorme, porém oculta e repleta de ansiedade, para que se definissem definitivamente como tal. Era, portanto, a partir deste momento que os homens aprendiam esses "segredos" que faziam parte do seu gênero.

Todas essas ideias exprimiam um lado importante das relações entre os sexos na sociedade brasileira. Sobretudo os dilemas que nascem com a ideia de uma superioridade do macho no Brasil. Pois se uma sociedade postula a superioridade do homem no contexto oficial ou público de sua ordem social, determinando que, na "rua", a mulher e a família, os agregados e os criados sejam englobados pelos homens; se a sociedade determina que ser homem é melhor do que ser mulher, pois

---

<sup>9</sup> Lembro-me de duas dessas histórias-exemplares. Numa delas, o rapaz recém-casado, virgem e tímido, entra no quarto nupcial num hotel de luxo numa praia da moda, para encontrar sua noiva de pernas abertas, nua em pelo, chamando: "Vem, amor; vem amor". O noivo, atônito com tamanha desinibição e chocado pelo comportamento da moça que se revela uma mulher experimentada e não uma noivinha pudica, fica nervosíssimo, tenta a penetração e se descobre impotente. Depois de várias tentativas e não mais suportando a vergonha de ser um "broxa", ele pula para a morte pela janela do hotel, espatifando-se na calçada. Na outra, o rapaz canta uma mulher, vai para sua casa com ela e lá não consegue obter uma ereção plena. Cansado de ser ludibriado e envergonhado pelo próprio pênis, ele pede licença à mulher, entra no banheiro e, a sós, esbofeteia o próprio pênis, xingando-o de traidor e de covarde!

é melhor comer (englobar) do que ser "comida" (ser englobado), então não se pode deixar de enxergar aquilo que pode ser chamado de "sobra simbólica", isto é, aquilo que ocorre quando os homens não estão na rua, quando não estão no bar, quando estão sós e, acima de tudo, quando estão em contato e confronto direto com uma mulher, em casa e na alcova. Pois se a categoria "homem" comanda o mundo exterior da lei, do comércio, da política e da "rua" em geral, "sobra" para a categoria "mulher" o comando da "casa": da compaixão, da hospitalidade, da cozinha, da doença e de tudo que constitui o mundo das coisas ocultas e internas, inclusive alguns aspectos fundamentais da sexualidade. Se os homens "falam" e "mandam", eles precisam das mulheres para "ouvi-los" e "obedecê-los". É nessa complementaridade frequentemente esquecida que está o "poder dos fracos".

Pois não há como ter um poder total que opere em todos os contextos e situações. E mesmo quando se tem poder, ele não é nem universal, nem imune a certos gestos e falas. Nenhum poder político oficial e burguês resiste a uma gargalhada, como afirma Bakhtin falando de Rabelais, ou a um sonoro e malcheiroso peido. O Príncipe enfrenta tudo, menos uma necessidade fisiológica em público, o que o faz igual a todo mundo.<sup>10</sup>

Do mesmo modo e pela mesma lógica, o machão brasileiro enfrenta tudo, menos uma firme passadela de mão no seu traseiro, ou uma frustrante e vergonhosa brochada.

Se os homens são superiores, a superioridade demanda coisas. Ela faz esperar gestos e sabedorias. Afinal, *noblesse oblige*. Uma delas é que o macho

---

<sup>10</sup> Nesse contexto, o sistema de castas indiano é instrutivo: um Brâmane está na casta superior, é certo. Mas, em compensação, não pode tocar em couro, tambor, cadáveres, feridas, cultivar a terra, cozinhar ou cortar o seu próprio cabelo. Neste sentido, ele precisa dos barbeiros que pertencem a castas inferiores. Ou seja: o poder dos Brâmanes é religioso, não sendo transferível a todas as outras esferas da vida. Entre nós, uma pessoa de "classe alta", com "nome de família", teme certas coisas, como a cor da pele dos namorados de suas filhas, e "escândalos" em geral, sobretudo aqueles ligados ao familismo que tanto praticam.

esteja sempre preparado para a fêmea, sem medo, inseguranças ou vacilos. A história de Sansão e Dalila exemplifica bem esse elo, mostrando como a força do herói (significativamente para nosso argumento situada no seu vasto e jamais podado cabelo) era destruída pela astúcia de uma mulher. Assim, se Sansão era todo poderoso, um pequeno gesto de uma mulher, cortando sua cabeleira, fez com que ele transitasse da onipotência para a impotência, pois o poder tem geralmente um foco — cargo, cetro, espada, dinheiro, adorno, anel etc. — que é obviamente claro e, por isso mesmo, pode ser perdido, roubado ou simplesmente achincalhado. Daí a relação bem conhecida entre poder e cerimonial...

Pois bem: entre nós, a brincadeira do "Tem Pente Aí?" fazia como a cabeleira de Sansão. Ela obrigava o grupo a se confrontar com sua analidade num contexto de alta repressão homossexual e valorização fálica. Mostrava, sem (ou com?) papas na língua, como os homens eram frágeis, porque se tinham um falo, eles não podiam dispensar um traseiro com tudo o que esse traseiro implicava. Ser homem ou mulher, dizia implicitamente o gesto grosseiro, era mais uma questão de contexto e de relacionamento do que de "essência". No fundo, era uma escolha e uma negociação, mais do que uma garantia dada no plano natural. A masculinidade não era natural, eis o que aprendíamos. Ela era tão construída e trabalhada como os nossos topetes. Ademais, comportava gradações. Quem passava a mão na bunda do outro era momentaneamente o homem, o que reagia e pulava "virava" — eis o fato perturbador — momentaneamente veado ou mulher...

As narrativas de inibição sexual, por outro lado, apresentavam o que poderia ocorrer quando um homem se confrontava com uma mulher e era obrigado a mobilizar o seu lado masculino num dos campos mais nobres de sua expressão: a via erótica.<sup>11</sup> Se a vida grupal enfatizava a todo o momento uma essência

---

<sup>11</sup> Uma outra área de expressão de masculinidade era o confronto com outros homens, sobretudo na área do esporte e na política, duas zonas competitivas da sociedade brasileira.

masculina, dada irredutivelmente no falo, o encontro sexual negativo exprimia que essa "essência" talvez fosse um balão de ar que podia explodir a qualquer momento, pois o falo não era — tal como ocorria com o rabo — inteiramente comandável. Ele também possuía reações que a própria pessoa desconhecia. Com isso, as narrativas de congelamento sexual, que faziam com que o "pau" se transformasse numa piroquinha de criança: medrosa, flácida e incapaz — servindo apenas para fazer pipi — indicavam que por trás do "aparato" que remetia a uma "essência", havia uma problemática dimensão relacional que era preciso compreender e aquilatar. Podia-se ter um belo falo e estar com uma bela mulher e, mesmo assim, não funcionar.

Em outras palavras, o amarelado da brochada era uma forma dura e um tanto apavorante de revelar que a "essência" masculina era enormemente relativa e que o "homem" em cada um de nós tinha que ser devidamente construído e estimulado. Mais importante do que ter o aparato masculino, era saber relacionar-se. E relacionar-se consistia basicamente em descobrir que "ser homem" não era a mesma coisa que sentir-se como um homem. Pois "ser homem" era ter o aparato físico masculino, mas "sentir-se homem" era passar pela maravilhosa experiência de experienciar o relacionamento como "homem" com uma mulher, o que obrigatoriamente fazia com que se fosse "recebido" por ela no seu seio; que se confiasse nela e com ela se tivesse um elo qualquer. Ser "homem", aprendíamos, era receber de uma mulher o atestado ou a prova de que se era verdadeiramente "homem".

Tudo se passava como se a crença na essência fosse um fato ideológico a mistificar a necessidade de relacionar-se. E relacionar-se era ser capaz de ouvir e

---

Não é, pois, por acaso que no Brasil se diz que "futebol e política são coisas pra homem!". Não que as mulheres estejam excluídas dessas dimensões da vida, mas que nela participem assumindo uma postura masculina.

sentir os sentimentos do corpo, exatamente como fazem as mulheres que, em geral, aprendem a medir e a pesar suas emoções e reações.

Com a brincadeira do "Tem Pente Aí?" e com as terríficas narrativas de brochadas, descobríamos que as essências eram mentirosas e que, de fato, as mulheres eram muito mais responsáveis pela manufatura de um homem do que supunha a nossa vã e chã ideologia machista...

Talvez — ousar sugerir — essa experiência de construção de uma sexualidade relacional seja o traço distintivo da concepção do masculino e do feminino na sociedade brasileira. Pois diferentemente de sistemas onde a adoção da ideologia individualista tornou-se exclusiva e nas quais os sexos são lidos como feitos de essências e de naturezas distintas e imutáveis, no Brasil a sexualidade é constituída por referência — num estilo relacional e comparativo. Entre nós, assim, os homens são superiores até certo ponto e machos até outro. Entre nós, as experiências sexuais se demarcam por referência: por meio de uma profunda reflexividade. Ou seja: sou mais homem com esse do que com aquele; com essa do que com aquela como, aliás, já anunciava aquele famoso samba de Silvio Caldas e J. Judice, dizendo:

*Nos braços de Isabel eu sou mais homem  
Nos braços de Isabel eu sou um deus.  
Os braços de Isabel são meu conforto  
Quanto deixo o cais do porto  
Pra sonhar o sonho meu!*

Ora, tudo isso mostra que no Brasil conhecíamos a chamada "crise da masculinidade" há muito tempo. Dela tomávamos consciência diariamente, vendo como nossas mães, que se diziam fracas e inermes, dominavam nossas moradas e eram, de fato e de direito, as todo-poderosas "donas" de nossas casas e famílias; observando o modo tranquilo com que as mulheres conheciam as nossas ansiedades e exorcizavam o nosso nervosismo dos primeiros (e em todos os primeiros) abraços e beijos.

Realmente, se o Brasil é uma sociedade dita mestiça, não deve espantar que a experiência da masculinidade incorpore as dimensões básicas de sua tradicional insegurança: o homossexualismo e a impotência, mostrando talvez que para que uma pessoa pudesse ser um homem, ela deveria primeiro sentir-se ameaçada de virar mulher. Pois assim fazendo, o sistema construía uma sexualidade mulata e ambígua. Uma sexualidade que prega a atração pelos opostos, sem deixar de internalizar a força e o poder de sedução dos intermediários — a bênção da relação.

Notre Dame, 26 de novembro de 1996

Jardim Ubá, 18 de julho de 2010

**Para citar este artigo**

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. **Revista Enfoques**: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.134-151, agosto 2010. Em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>.